



RETRATOS DA VIDA DE MULHERES ASSENTADAS

Alzira Salette Menegat¹

Neste estudo, resultado de pesquisas em assentamentos rurais instalados em Mato Grosso do Sul, desenvolvidas com incentivos da FUNDECT, CNPq e da UFGD, procuramos analisar imagens de mulheres assentadas, e, por meio delas, observar em que sentido os assentamentos rurais são espaços que oportunizam condições para a transformação de relações sociais entre homens e mulheres. Procuramos entender as atuações das mulheres e até que ponto elas conseguem publicizá-las, produzindo questionamentos nos poderes historicamente solidificados, que guardam condições de atuações e pertencimentos sociais diferenciadas.²

Na pesquisa³ trabalhamos com imagens por entendê-las enquanto recursos interpretativos dos dados coletados, as quais permitiram recompor trajetórias. Observamos que por meio delas o “ausente se fez presente” como indicado por Martins (2009), tornando possível às comparações entre os antigos espaços que as mulheres ocupavam, com aqueles que elas assumem nos assentamentos. Nas análises se observa mudanças reveladoras na construção de novos sujeitos sociais, em um movimento em que se descobrem, redescobrem, ou mesmo reafirmam invisibilidades. Estas últimas nem sempre trazem o sentido de manutenção da dominação, mas de resistências que provocam transformações.

Entendemos os registros fotográficos como guardiões da memória e que retêm frações dos tempos como mostra Le Goff (1992). Por isso as concebemos como fonte histórica, partindo da concepção de Chartier (1990), uma vez que são “representações da realidade”, utilizadas para a compreensão da história. Por meio delas, associadas às narrativas mantidas com mulheres e homens assentados/as, nos foi possível estabelecer um constante vai e vem entre tempos remotos com os tempos presentes, como recomenda Lucena (1994). Com este procedimento, objetivamos compreender quais as mudanças projetadas pelas mulheres sobre seus cotidianos nas diferentes

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Campus de Araraquara, e Professora adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Desenvolve pesquisas em áreas de assentamentos rurais com apoio da FUNDECT e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Compartilha, com a Professora Marisa Farias, dos trabalhos de Coordenação do curso de Licenciatura em Ciências Sociais/PRONERA, oferecido na UFGD, para pessoas de assentamentos rurais e organizado sob a Metodologia da Alternância.

² Parte das reflexões do presente artigo compõe outro estudo de minha autoria, intitulado *Mulheres assentadas abrem novas portas. Quais as portas?*. o qual pode ser encontrado no livro: MENEGAT, Alzira S.; TEDESCHI, Losandro A.; FARIAS, Marisa de Fátima L. (Org.) Educação, relações de gênero e movimentos sociais: um diálogo necessário. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2009.

³ Para o levantamento dos dados e produção de imagens, produzidas em diversos assentamentos de Mato Grosso do Sul, participaram professores/as da UFGD e da UEMS, que integram a equipe do Laboratório de Estudos de Fronteira (LEF), com projetos fomentados pela FUNDECT, CNPq e UFGD.



esferas de que participam, enquanto mulheres, mães, companheiras, trabalhadoras e figuras políticas. Dessa forma, asseguramos a recomendação de Silva (1999), quando diz que o trabalho com imagens requer analisá-las enquanto suportes, no entendimento dos diversos significados que marcam a vida de pessoas. Trata-se de elementos complementares da pesquisa, os quais atribuem movimento às reflexões.

Na trajetória de pesquisas com mulheres e homens nos assentamento⁴ observamos a presença de diferentes relações, participações e de enfrentamentos, que se efetivaram no percurso de conquista pela terra, configuradas especialmente nos momentos do acampamento e do assentamento definitivo. Nessa trajetória foi possível observar que a realidade vivida encontra-se envolta a contradições, continuidades, descontinuidades e incertezas, que se fazem presentes tanto nos acampamentos como no momento do assentamento, e que atravessam seus cotidianos. Por isso procuramos entender o cotidiano na premissa apontada por Martins “pequeno mundo de todos os dias que está também o tempo e o lugar das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais” (MARTINS, 2000. p. 57).

Seguimos pela indicação de Martins procurando mostrar o cotidiano das mulheres associando-o ao processo histórico que o produziu e que é permeado por dilemas e possibilidades que envolvem múltiplos interesses e sujeitos: das mulheres, de seus familiares, da luta pela terra. Por isso falar da vida delas requer falar sobre outras coisas, especialmente da busca pela terra e na rede de relações que criam, bem como a incorporação de novos saberes. Assim, seguimos também pela indicação assinalada por Silva (2005, p. 296), entendendo-os como “recriação de experiências, de ressocialização e que envolve passado, presente e futuro”

⁴ Dentre os projetos de pesquisa desenvolvidos pela equipe do LEF, podemos citar: “Mulheres Assentadas (re)construindo Trajetórias: imagens do movimento da vida das mulheres do São Judas-MS”, em andamento e com recursos do CNPq, coordenado pela Professora Alzira Menegat; “Mulheres: relações de gênero e de trabalho nos assentamentos de reforma agrária Guaçu e Santa Rosa, no município de Itaquiraí-MS”, em andamento e com recursos do CNPq, coordenado pela professora Marisa Farias; “Sociedades e culturas nas fronteiras de Mato Grosso do Sul”, em andamento e com recursos da FUNDECT, coordenado pela professora Alzira Menegat; “Curso de Licenciatura em Ciências Sociais/UFGD/PRONERA: a metodologia da alternância na formação de educadores/as sociais do campo”, em andamento e com recursos do CNPq, coordenado pela professora Alzira Menegat; “Assentamentos rurais no sul de Mato Grosso do Sul: estudos econômicos e sociais das mudanças no meio rural”, concluído e contou com recursos de: FUNDECT, CNPq e UFGD, tendo sido coordenado pela Professora Marisa Farias; “Religiões, religiosidades e cultura política nos movimentos e assentamentos rurais da porção meridional de Mato Grosso do Sul”, concluído e contou com recursos da FUNDECT, tendo sido coordenado pelo Professor Damião Duque de Farias; “Retratos da vida nos assentamentos Taquaral e Sul Bonito: as fotografias como instrumentos reveladores da (re) construção de novos lugares”, concluído e contou com recursos de: FUNDECT, UEMS, UNIDERP, Fundação Manoel de Barros e UFGD, tendo sido coordenado pela Professora Alzira Menegat; “Vida de mulheres em assentamentos de reforma agrária no município de Itaquiraí-MS”, concluído e contou com recursos de: FUNDECT, UFGD, UEMS, tendo sido coordenado pela Professora Marisa Farias.



Os dados coletados demonstram que as mulheres vivenciam enovelamentos diversos e que devem ser observados considerando as relações que foram sendo tecidas nos momentos dos acampamentos e de como subsidiaram o viver nos assentamentos. Em ambos os espaços, ocorreu diferentes relações de poder e de pertencimento. Por isso a necessidade de tecer considerações sobre os dois tempos: o do acampamento e o do assentamento. O tempo do acampamento é por nós definido como o tempo da “provisoriade do barraco”, e o tempo do assentamento como o tempo da “centralidade da casa”. Expliquemos melhor: iniciemos analisando o tempo da “provisoriade do barraco”, período do acampamento quando as atuações das mulheres foram mais expressivas. Nesse tempo, que perdurou numa média de cinco anos, no lugar da casa, existia o barraco e com ele um conjunto de simbologias que fizeram com que o viver naquele momento, fosse um viver provisório e em muitos aspectos: enquanto lugar, espaço de morada e de relações de poder.

O provisório, enquanto lugar, explicado na localização do acampamento, comprimido entre a beira da estrada e as áreas de fazendas o que provocava a inexistência dele enquanto um possível espaço físico. Nele, não havia condições de construção efetiva de um espaço social, uma vez que tudo era provisório, passageiro, até mesmo o espaço físico era inexistente, já que as faixas que margeiam as rodovias não podem ser ocupadas com nenhuma edificação. A organização do acampamento era possível por serem terras de domínio do Estado, e isso imprimiu ao acampamento outro sentido, o de lugar estratégico para publicizar situações de precariedade vividas pelas pessoas acampadas.

Quanto ao provisório, no que se refere ao barraco este era estruturado precariamente, na lona, não permitindo condições saudáveis: deixava adentrar o frio, o calor, a chuva, projetado apenas para durar por algum tempo. Pela sua fragilidade enquanto edificação, aliada aos escassos utensílios guardados em seu interior, pouco tempo exigia com cuidados para sua limpeza e manutenção. Essa condição se estendia aos arredores dos barracos, visto que o espaço entre os diversos barracos quase inexistia, requerendo menor tempo com os cuidados diários nas atividades de limpeza, sob a responsabilidade das mulheres. Como resultado, havia tempo livre, criando condições para elas participarem das ações de luta pela terra.

No que diz respeito às relações de poder, no período do acampamento, estas também eram provisórias tendo em vista que todos/as, homens, mulheres, jovens e crianças, deveriam participar da luta, unir forças e criar múltiplas estratégias, o que tornaria possível a passagem do viver provisório para o viver definitivo e sossegado. Por isso, acreditamos que a atuação das mulheres no período do acampamento foi motivada pela inexistência da “centralidade da casa” conforme modelo



tradicional rural o qual envolve a casa e os seus arredores onde estão as pequenas criações, a horta e o pomar, espaços cuidados pelas mulheres e que ocupam boa parte do dia-a-dia delas. Assim, homens e mulheres estiveram numa posição de iguais.

Quando as famílias efetivaram a passagem do barraco para os lotes em assentamentos de reforma agrária, já no assentamento definitivo, as mulheres reassumiram o papel tradicional na esfera da casa e de seu entorno, bem como da roça. É o novo tempo, o tempo da “centralidade da casa” que suplanta aquele do barraco e recria velhas posições. Com isso diminuiu a presença mais efetiva das mulheres nas associações, nas cooperativas, nas reuniões técnicas e em outras representações dos lotes.

A “centralidade da casa” na passagem do acampamento para o assentamento é entendida sob a lógica dos envelamentos tradicionais, tecidos por todos os membros das unidades familiares, especialmente pelas mulheres, enredando-as a condição de sujeitos centrais para a fixação no espaço dos lotes, o que fez ressurgir o “modelo da casa”. Importa salientar que nesse modelo as mulheres se reconhecem enquanto construtoras de um lugar que parece mítico, imaginado, envolto a cenários pelos quais transitaram enquanto assalariados e que intentaram instalar no viver dos assentamentos.

O fato de as mulheres desejarem uma casa organizada numa estrutura tradicional de edificação e de entorno não significa dizer que desejem manter nela as relações históricas, no que diz respeito ao poder tradicional solidificado “sô paron”⁵, mostrado na obra de Giron (2008), expressão que traduz a existência de pertencimentos e atuações diferenciados para homens e mulheres, em diversos sentidos ainda presentes na vida de mulheres do campo.

Contudo, a presença expressiva de mulheres nos diferentes momentos de mobilizações e ações de demandas se efetivou tanto no período do acampamento, quanto nos primeiros anos de assentadas. Este último momento foi de organização para a busca de estrutura básica para os lotes, como abastecimento de água, abertura de estradas vicinais, construção de escolas, posto de saúde e transporte. Suas atuações foram decisivas para “abrir portas”, como seus companheiros são unânimes em afirmar, já que elas com suas reivindicações movimentavam a maioria da “mulherada”, assim como os demais membros das famílias em torno de diversas ações. Foram

⁵ Na obra de Giron (2008), intitulada “Dominação e subordinação: mulher e trabalho na pequena propriedade”, a autora utiliza a expressão “sô paron” (seu patrão), como referência ao poder que homens exerciam sobre suas companheiras, nas relações existentes entre homens e mulheres nas pequenas propriedades da região de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul.



importantes sujeitos na luta pela conquista da terra e hoje pela permanência desempenhando “papel agregador”, como definido por Bereta da Silva (2004).

Assim, observa-se uma contradição no movimento das mulheres, assentada no fato de que mesmo as mais atuantes no acampamento e nos primeiros anos de assentadas, passadas estas fases, acabaram sendo alçadas pelas armadilhas da família e voltaram-se ao lote. Essa situação nos remete aos estudos de Sarti (1996) quando diz que são os interesses da família que prevalecem, em nome de uma moral que é familiar e não de sujeitos isolados. Assim, ao receberem os lotes, realizaram mobilizações para infra-estrutura básica e quando a conseguiram, abandonaram ou mesmo suspenderam temporariamente suas atuações coletivas, voltando-se às unidades produtivas. Esse movimento pareceu negar suas atuações anteriores, em outras esferas, como aqueles das mobilizações e das reuniões.

Nos lugares que pesquisamos observamos diferenças entre homens e mulheres, as quais estabelecem poderes desiguais demarcando espaços de atuações. Contudo, são poderes questionados por elas, principalmente aqueles que se referem à divisão do trabalho entre homens e mulheres na roça e na casa atribuindo a elas duplas jornadas: a casa, a roça e, por vezes, a feira. Esta divisão recria o sentido da “ajuda”. A mulher ajuda quando está na roça e o homem ajuda quando participa dos trabalhos na casa.

Nesse sentido, o modelo da casa (re)criado nos lotes deve ser analisado sob a lógica das exigências familiares tendo como fio condutor a tríade: casa, família, trabalho. Os aspectos que o constituem historicamente são de responsabilidade delas, evidenciados quando perguntávamos a elas e a seus companheiros o que desejavam ainda construir nos lotes: elas, em sua maioria, falaram do desejo de construir uma casa confortável e na vontade de adquirirem animais. Já os homens expressaram a vontade pela melhoria dos cultivos existentes na roça, bem como a melhoria das criações e das construções utilizadas com o gado. Ambos os olhares demonstram referências e responsabilidades que são históricas: os homens falaram da produção e as mulheres da reprodução.

Hoje, nos assentamentos estudados a maioria com mais de oito anos de implantação, observamos a retomada dos grupos de mulheres, especialmente em diversos assentamentos do município de Itaquiraí, num movimento muitas vezes movido pelas necessidades econômicas que vivenciam nas unidades, que as orienta para parcerias com instituições diversas, dentre elas o SEBRAE, Secretarias das prefeituras e Universidades⁶.

⁶ A Universidade Federal da Grande Dourados, por solicitação das mulheres assentadas, iniciou trabalhos junto a um grupo de mulheres de assentamentos de Itaquiraí, formado por mulheres de diversos assentamentos desse município, para nele atuar com conhecimentos voltados a atividades que envolvam a Economia Solidária Social.



Os novos grupos as mulheres, recriados a partir de antigos grupos estão na busca por conhecimentos e técnicas sobre assuntos diversos, desde o plantio de novos produtos, cursos técnicos para habilitá-las na fabricação de artesanato e processamento do leite, bem como conhecimento a respeito de novas formas de organização associativa, como o exemplo para os grupos de mulheres e homens dos assentamentos Santa Rosa e Guaçú, que contam com orientações da Incubadora Tecnológica, da Universidade Federal da Grande Dourados.

A Incubadora da UFGD vem desenvolvendo discussões junto aos grupos da Associação 8 de Março⁷, tentando contribuir no encaminhamento de novas formas de organização associativa e cooperativa, com base nos princípios da Economia Solidária, objetivando efetivar novos processos produtivos junto às famílias e que sejam por elas conduzidos no que diz respeito à gestão dos empreendimentos. São quatro grupos fomentados pela Incubadora da UFGD, sendo: o grupo da produção do mel, o grupo da produção de farinha, o grupo da produção do maracujá e o grupo da produção dos trabalhos manuais.

O iniciar das ações da Incubadora junto aos grupos partiu da iniciativa de seus integrantes, especialmente das mulheres neles organizadas visando apropriarem conhecimentos que lhes permitam gerenciar os novos processos produtivos. É preciso dizer que os grupos Incubados são constituídos por homens e mulheres assentados/as e a definição dos projetos de cada grupo partiu de suas escolhas, envolvendo a Incubadora⁸ como parceira. Observamos nesse novo envolvimento coletivo das mulheres, mesmo que a princípio tenha sido motivado pela busca de alternativas para complemento de renda das unidades, foi tornado enquanto momento para potencializarem novas oportunidades. Para isso, organizam reuniões com objetivo de reflexão, convidam palestrantes que versam sobre assuntos relacionados à saúde da mulher, à medicina alternativa, à organização cooperativa e a outros temas que revelam interesses delas em analisarem suas vidas enquanto mulheres e enquanto mulheres assentadas. Estão (re) abrindo novas portas, relacionadas ao sentido do SER MULHER, num contexto de assentamentos rurais.

Durante o processo de pesquisa pudemos participar de alguns desses momentos de reuniões, dentre eles um no qual estavam reunidas mulheres para produzirem o artesanato para a decoração

⁷ A Associação 8 de Março foi organizada pelas famílias durante o período em que estiveram acampadas..

⁸ Os trabalhos do grupo da Incubadora Tecnológica da UFGD, que está sob a coordenação da professora Marisa de Farias, e que conta com recursos da FINEP, iniciaram no ano de 2008. Suas atividades envolvem professores de diversas Faculdades da UFGD, estimulando ações de extensão que fortaleçam a relação entre universidade e sociedade. Como resultado, tem-se a efetivação de diversas parcerias, bem como se configura num espaço de realização de estágios de graduandos/as de diferentes cursos, além de configurar como um espaço para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas. Cita-se aqui, os trabalhos de final de curso de graduação em Ciências Sociais da UFGD, das acadêmicas: Sonia Comar, Dayane Caetano, Ana Paula de Oliveira, Rozeli Cabral, todos defendidos no ano de 2010.



natalina da cidade de Itaquirai e nele percebemos que se movimentavam para além de uma reunião organizada para fabricação e venda de produtos de artesanato. Era um trabalho exaustivo que envolvia feitura da fibra e com ela a produção de imagens natalinas que publicizariam na decoração das ruas da cidade, mas o grupo associava trabalho a conversas animadas sobre assuntos diversos como sexualidade, sonhos, imprimindo leveza no que realizavam.

No movimento do grupo observamos produção e descontração, com a presença de os/as filhos/as menores que em meio ao trabalho das mães brincavam, dormiam e choravam. Pareceu-nos que naquelas oportunidades conseguiam analisar o viver de seus cotidianos em relação aos papéis que desempenham como cuidado com os/as filhos/as, relações com os companheiros, participação políticas nas comunidades, contentamento e desencanto com a produção nos assentamentos, preocupações com a própria saúde e nos sonhos que nutrem.

Na fala das mulheres dos assentamentos é possível perceber o quanto o aspecto SER MULHER vem imbricado em outros papéis como mulher, mãe, companheira, trabalhadora, sendo que o ser mulher nem sempre é colocado em primeira dimensão.

A trajetória da pesquisa nos tem mostrado que falar das mulheres assentadas é falar sobre todas essas outras coisas, que fazem parte de seus cotidianos. Assim, entendemos que por diferentes caminhos elas estão descobrindo novas organizações para reunirem a “mulherada”, e que há uma estreita relação entre todos os papéis que as movimenta, e isso faz com que o SER MULHER nem sempre venha em primeiro lugar ou venha sozinho, já que se mostra interpenetrado a outros, o que demonstra um processo em constante negociação para que assim seja possível sua construção.

Podemos afirmar que em suas práticas cotidianas, as mulheres estão se redescobrando, tornando o tempo presente possível, de que fala Martins⁹, quando diz que é no fragmento de tempo, do processo repetitivo do cotidiano, lugar das contradições, que se tem o tempo do possível. Buscam na prática cotidiana, de avanços e recuos, de abrir, fechar e reabrir portas, as condições para se construírem enquanto mulheres e mulheres assentadas e assim transformam relações e poderes, transformando também contextos sociais e criando sujeitos empoderados.

No entanto, entendemos que o empoderamento dessas mulheres não é fácil e nem mesmo definitivo já que “a subordinação da mulher parece normal dentro da ideologia patriarcal. É difícil que a mudança entre em erupção espontaneamente da condição de subordinação. O empoderamento deve ser induzido primeiro pela criação de uma consciência da discriminação de gênero” (DEERE e LEÓN, 2002, p, 55).

⁹ MARTINS (2000).



No estudo com mulheres refletimos sobre o empoderamento de mulheres tendo como fio condutor a concepção de Deere e León, que o definem enquanto processo que requer uma “transformação no acesso da mulher tanto aos bens quanto ao poder [...] Ao mesmo tempo, o empoderamento da mulher transforma relações de gênero e é, portanto, uma pré-condição para a obtenção da igualdade entre homens e mulheres” (DEERE e LEÓN, 2002, p, 52).

Reconhecemos que o empoderamento para mulheres assentadas não é fácil de ser construído, mas pode ser mais rápido quando induzido juridicamente e, por isso, damos ênfase às mudanças na condição das mulheres do campo, projetadas por elas nas décadas de 1980 e 1990, momentos em que construíram e fortaleceram o movimento de mulheres camponesas, intensificando as discussões ligadas às suas condições de vida, tentando não só o reconhecimento legal, mas especialmente o reconhecimento social de sua situação enquanto trabalhadoras. Com suas mobilizações, conseguiram potencializar direitos jurídicos e levaram para o campo os direitos exclusivos dos/as trabalhadores/as urbanos/as, como o acesso ao crédito rural, ao salário maternidade, à aposentadoria e a outros benefícios que as colocaram em posições de visibilidade social e produtiva (GRAZYBOWSKI, 1987). Hoje, dispõe do PRONAF-MULHER, uma linha de crédito ainda pouco acessada por elas, explicado, por vezes, pelo fato de ainda existirem heranças históricas que as mantêm distantes dos espaços em que precisam exercer o papel de gestoras.

Enfim, a vida de mulheres assentadas revela a existência de uma dinâmica conflituosa na construção de um novo modo de vida, num movimento de avanços e recuos. Por isso entendemos suas conquistas enquanto encaminhamento de processos que não são fáceis e nem mesmo definitivos, uma vez que elas precisam lidar com estruturas que são seculares, dentre elas os poderes institucionalizados como do patriarcado ainda presente nos assentamentos e na sociedade em geral.

É preciso acentuar que as conquistas das mulheres do campo que num primeiro olhar parecem mais visíveis nos aspectos econômicos e jurídicos, especialmente na inclusão dos nomes delas nas notas produtoras ou na visibilidade da seguridade social, representam o iniciar de seu empoderamento e com ele a desmistificação da idéia natural de que a mulher do campo é feita para atuar na casa. Elas estão questionando a construção social baseada na desigualdade entre homens e mulheres e tornando-se elas próprias novas mulheres.

Referências Bibliográficas:



- BERETA DA SILVA, Cristiani. *Homens e mulheres em movimento: relações de gênero e subjetividade no MST*. Florianópolis: Momento atual, 2004.
- BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira. A família nos assentamentos rurais: trajetórias e conquistas. In: Almeida, C. P. F. ; ALMEIDA, Joaquim (ogs.) *Mulher, família e desenvolvimento rural*. Santa Maria: UFSM, 1996. p. 75-91.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa : Difel, 1990.
- CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica* (Rio de Janeiro, 1990-1930). Rio de Janeiro : DP&A, 2002.
- DEERE, Carmen Diana & LEÓN, Magdalena. *O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 52.
- FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. *Assentamento Sul Bonito: as incertezas da travessia na luta pela terra*. Araraquara, Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2002.
- FARIAS, Zaíra Ary. *Domesticidade: “cativeiro” feminino?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- GRAZYBOWSKI, Cândido. *Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo*. Petrópolis: Vozes: Fase, 1987.
- GIRON, Loraine. *Dominação e Subordinação: mulher e trabalho na pequena propriedade*. Porto Alegre: EST Edições, Suliani - Letra Vida, 2008.
- LAVINAS, Lena. Produtoras rurais: a novidade dos anos 90. *Reforma Agrária - ABRA*, São Paulo, v 21, n. 2, p. 4-9, 1991.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2 ed. Campinas : UNICANP, 1992.
- LUCENA, Célia. Tempo e espaço nas imagens das lembranças. In: *Os desafios contemporâneos da história oral*. 1994. p.223-240
- MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MENEGAT, Alzira Salete. Mulheres assentadas e suas lutas. In: Almeida, Rosemeire Aparecida (Org.). *A questão Agrária em mato Grosso do Sul: uma visão multidisciplinar*. Campo Grande: UFGD, 2008. p. 227 – 257
- MENEGAT, Alzira Salete. *No coração do Pantanal: assentados na lama e na areia*. Dourados: UFGD & UEMS, 2009.
- MENEGAT, Alzira Salete. *Mulheres assentadas abrem novas portas. Quais as portas?* In: MENEGAT, Alzira S.; TEDESCHI, Losandro A.; FARIAS, Marisa de Fátima L. (Org.) Educação, relações de gênero e movimentos sociais: um diálogo necessário. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2009.
- SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- SAFFIOTTI, Heleieth, Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SILVA, Maria Aparecida Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.